



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço
com governadores**

Hotel Blue Tree – Brasília-DF, 23 de novembro de 2006

Eu vou começar cumprimentando o nosso querido Henrique Fontana,
líder do PT,

O nosso querido Neiva Moreira,

O nosso querido Binho Marques, governador do estado do Acre,

O nosso querido Waldez, governador do estado do Amapá,

Nossa querida Ana Júlia,

Nosso querido Marcelo Miranda,

Nosso querido Jackson Lago, que acabou de falar agora,

O João Lira, que é o vice do nosso querido Eduardo Campos,

O nosso companheiro Tarso Genro,

A nossa companheira Dilma Rousseff,

O Blairo Maggi, com quem eu tive o prazer de comer um carneirinho na
segunda-feira, à noite,

O nosso companheiro Wellington, o cara que mais visita Brasília para
arrumar dinheiro,

Meu querido Paulo Hartung,

Minha querida Wilma,

Meu caro Marcelo Déda,

Meu querido Eduardo Braga,

Pessuti,

Jaques Wagner, que foi a grande surpresa eleitoral do ano de 2006,

Meu caro Ivo Cassol,

Meu caro Puccinelli

Trevas,



O Sérgio Cabral chegou na hora de ouvir os elogios que eu ia fazer para ele, que não vou fazer mais.

Bem, Sérgio, eu ia começar a falar, mas você chegou na hora, se você demorasse dois minutos, viria aqui só para a gente comer.

Olhe, primeiro eu quero começar elogiando a idéia de vocês, governadores, de fazer uma reunião para discutir não apenas os problemas dos estados que, certamente todos vocês conhecem sobejamente, mas também para discutir e estabelecer uma relação entre o ente federativo governo dos estados e o ente federativo União. E logo, logo teremos que fazer coisas como essas com os prefeitos brasileiros, porque é dali que nascem muitos dos problemas e muitas das soluções que nós temos que enfrentar no Brasil.

E dizer para vocês que não há mais governo de oposição, nem governo de situação. A relação republicana que nós temos que manter com os estados brasileiros, com os governadores brasileiros e com os prefeitos brasileiros, na verdade, independe a que partido as pessoas são filiadas. Ou seja, para mim, a disputa político-ideológica terminou no dia da apuração. Agora, todos nós fomos responsabilizados a administrar este País de forma a atender às expectativas que a sociedade brasileira teve ao depositar os votos em nós, que tem agora, e vai ter muito mais quando a gente tomar posse.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que se nós soubermos trabalhar, nós poderemos fazer as reuniões envolvendo todos os governadores dos estados, até porque eu sou amigo de todos, independentemente daqueles que não estão aqui. A nossa relação com o Serra, com o Aécio, é uma relação histórica de 30 anos, não é uma relação de 30 dias ou de uma eleição. Eu conheço pouco o Alcides, de Goiás, mas ele será tratado igual a todos os companheiros que não são aliados de primeira hora ou companheiros de longa jornada. A Yeda Crusius, que é uma companheira que eu conheço menos, será tratada... Até porque vocês, quando vão num município, não olham a que partido o



prefeito é filiado, vocês olham a necessidade do povo do município. E eu, obviamente, tenho que olhar as necessidades do povo dos estados e não se eu me dou bem ou não com o governador. Isso não está mais em jogo, isso acabou na disputa do mês de outubro e o povo escolheu. Certo ou errado, nós estamos aqui, eleitos, e eu espero que seja certo.

E a segunda coisa, companheiros, é que todos vocês sabem que eu era contra a reeleição, eu tinha uma tese, na hora em que me dispus a ser candidato à reeleição é porque eu comecei a acreditar que era possível a gente fazer mais e fazer melhor do que fizemos no primeiro mandato, que era possível aproveitar o acúmulo de experiência que nós tínhamos tido, de uma forte política de inclusão social no País, para combiná-la, no segundo mandato, com uma forte política de desenvolvimento econômico do nosso País, porque se não for assim, todos nós sofreremos um baque muito grande no segundo mandato, viu, Eduardo Braga? No segundo mandato, o povo é mais exigente, pessoal, o povo quer saber mais, o povo quer exigir mais de cada um de nós. E se nós repetirmos apenas as coisas que nós já fizemos, o povo fala: o que adiantou? Quando é o primeiro mandato, como o Sérgio Cabral, como o Jaques Wagner, como o Déda, como o Binho, aí todo mundo fala: “Não, é a primeira vez, dá uma chance”. No segundo mandato, a cobrança será muito maior.

E nós estamos determinados a fazer as coisas melhor do que fizemos no primeiro mandato. Primeiro, a relação com os governadores. Obviamente que nós temos relações de amizade, uns mais amigos de outros, mas a relação de amizade é para as coisas íntimas de cada pessoa humana. A nossa relação tem que ser, sobretudo, uma relação profissional entre representantes de entes federativos que têm responsabilidade com o futuro deste País.

Da minha parte, vocês podem ter certeza de que eu estarei disposto a qualificar, da melhor forma possível, a nossa relação, de dar aos estados o tratamento republicano que todos nós esperamos que vocês dêem aos



municípios de vocês, porque daqui a dois anos já começa a guerra da eleição municipal.

E, ao mesmo tempo, dizer para vocês que nós temos muita coisa para resolver de forma unitária. Nós já sabemos que se houver entre nós defecções, numa discussão do aperfeiçoamento de uma reforma tributária, ela não acontecerá. Nós já sabemos que as reformas estruturais pelas quais o Brasil precisa passar só serão feitas se houver a concordância daqueles que foram eleitos para bem dirigir o destino dos estados e da Federação.

Eu estou, há mais de 15 dias, determinado a não discutir montagem de governo, não discutir nomes. Eu sei que setores da imprensa já tiraram uns 30 ministros meus, já colocaram uns 50, e eu, que deveria tirar, não tirei nenhum e não coloquei nenhum. E eu assumi a determinação de que, antes de discutir nomes ou cargos, eu quero discutir que tipo de política de coalizão nós vamos fazer, para a gente qualificar o jeito de governar este País e preparar o melhor para quem vier depois de nós, assumir a direção deste País.

Tive uma extraordinária reunião com o PMDB, nos quatro anos passados não houve oportunidade de fazer uma reunião como essa. Tive uma reunião, hoje, com a bancada do PTB que, unanimemente, está apoiando o governo. Terei uma reunião, na semana que vem com o PDT, com a direção do PDT, porque com os governadores e com os prefeitos eu já tinha uma extraordinária relação. Terei com o PV também, onde 12 dos 13 deputados decidiram apoiar o governo. Vou conversar com o PPS, a não ser que alguém não queira conversar, mas eu vou conversar. Vou conversar com os meus companheiros do PSB, porque a gente também vai deixando os que são aliados naturais por último e, daqui a pouco, eles se dispersam. Então, eu tenho que conversar com o PSB e com o PCdoB. Preciso fazer uma reunião com a bancada dos partidos e vou fazer, antes do dia 31 de dezembro, uma reunião com todas as bancadas dos partidos que estão nos apoiando. Já disse ao Arthur Virgílio que pretendo conversar com o PSDB e quero convidá-lo, a



ele e o Tarso, para conversar. Já conversei com o governador Arruda, de Brasília, do PFL, já conversei com o Cláudio Lembo, tem mais algumas reuniões com gente do PFL para fazer, na próxima semana. E vou fazer com todos os partidos políticos, a não ser que os partidos não queiram conversar comigo. Aí, se não quiserem, quando um não quer, dois não conversam, não é isso?

Mas vou conversar com todo mundo, por quê? Porque eu acho que no segundo mandato nós temos que provar que é possível governar o Brasil diferente do que habitualmente o Brasil tem sido governado. Nós não podemos mais ficar disputando se eu vou apoiar o Wellington porque ele vai me dar uma vaga em tal lugar, ou porque vai me dar um cargo. Eu estou disposto a construir um projeto de desenvolvimento para este País com começo, meio e fim, em que todos nós tenhamos responsabilidade de fazer a nossa parte. Por exemplo: muitos dos projetos de desenvolvimento que a gente tem no estado, às vezes estão parados porque o Ministério Público do estado entrou com uma ação. Ou, às vezes, eles estão parados porque o congênere do Ibama estadual entrou com uma ação. Eu dizia ao Sérgio Cabral: só da Petrobras tem 34 projetos parados no estado do Rio de Janeiro, porque o Instituto do Meio Ambiente de lá teve algum problema. Então, se nós não construirmos esse projeto conjuntamente, nós iremos passar quatro anos e os novos governadores vão perceber como passam rápido quatro anos. Quando você começa a pensar que vai tomar posse, acabou o mandato. Isso, se o povo não estiver na rua fazendo um barulho razoável para exigir de nós muito mais coisas do que nós já demos para eles, o que é também a consolidação da democracia neste País.

Então, companheiros, primeiro eu quero agradecer por ter sido convidado para este almoço, acho que foi muito importante. Eu dizia ao querido Sérgio Cabral o seguinte: a eleição do Sérgio Cabral, no Rio de Janeiro, tem um significado extremamente importante. E dizia para ele, Sérgio,



possivelmente o Rio de Janeiro, desde que Dom João VI colocou os pés naquela terra, a gente tem condições de construir a maior aliança política de trabalho conjunto entre o governo federal e o governo estadual porque não vai ter disputa menor, porque não tem coisa pequena. Porque eu disse para ele: Sérgio, você tem uma chance na vida de dar ao Rio de Janeiro a perspectiva de que o estado é governável. E pelo que ele está fazendo, eu tenho certeza que vai dar certo e me tenha como parceiro.

Todos nós sabemos do significado da vitória do Jaques Wagner. Todos nós sabemos o quanto foi importante ele ganhar o governo da Bahia, mas todos nós sabemos, também, que, depois de 30 anos de hegemonia, ele vai ter dificuldades, ele vai ter problemas. Tem aí, outros companheiros, mas para citar apenas dois estados simbólicos. O que eu quero que vocês saibam é que nós seremos parceiros no enfrentamento das dificuldades. Eu quero dizer que, quando vocês tiverem festas, não precisam me convidar, mas quando tiverem crises, por favor, eu serei parceiro para tentar ajudar a resolver esses problemas.

Nós estamos discutindo, eu já falei com o Blairo, já falei com alguns companheiros, nós precisamos destravar o País. O País está travado, seja na área ambiental, e não é por causa do Ministério do Meio Ambiente, mas por causa da legislação que nós fizemos. E cada um de nós aqui já foi deputado e sabe o que nós fizemos. Muitas vezes, o País está travado por excesso de abuso de determinadas coisas que acontecem.

Esses dias, eu estava sentado, quando recebi um telefonema do nosso companheiro Eduardo Braga: “Presidente, acabaram de conceder uma liminar proibindo o funcionamento do gasoduto Coari-Manaus, que é um sonho de 30 anos”, começamos a fazer, tem três mil homens trabalhando”. E aí alguém entra com uma liminar... Graças a Deus derrubamos a liminar e voltamos a construir o nosso gasoduto.



Então, destravar o País significa mudar leis; destravar o País significa ter uma relação mais qualificada com o Congresso Nacional, com o Tribunal de Contas da União, significa conversar mais com o Ministério Público, com os ambientalistas deste País, fazer as mudanças que nós tivermos que fazer para que a gente possa construir alguma coisa.

Quem é do Norte do País, sabe. Uma ponte que foi começada no governo Fernando Henrique Cardoso, entre Brasil, Roraima e Suriname, essa ponte está interditada há 8 anos, gente. Agora, conseguimos destravar.

Quando eu falo destravar o País é destravar todos os penduricalhos que atrapalham a agilidade de quem é prefeito, de quem é governador e de quem é presidente da República, porque os problemas só sobem de dimensão, mas eles são os mesmos em todos os estados.

A segunda coisa que nós temos que fazer é destravar a economia brasileira. E não precisa a imprensa ficar curiosa, porque eu não vou dizer o que nós vamos destravar da economia. Mas obviamente que nós sabemos que os estados, os municípios e a União não podem continuar numa situação de não-capacidade de investimento. Então, nós vamos trabalhar, vamos encontrar mecanismos. A engenharia econômica do País está funcionando e nós vamos encontrar o mecanismo de destravar a economia deste País para que municípios, estados e União possam ter o mínimo de capacidade de investimento. Vamos anunciar algumas medidas de desoneração em setores importantes da economia brasileira, vamos fazer, com vocês, uma proposta, quem sabe aperfeiçoar aquela proposta de política tributária que está lá no Congresso Nacional.

O dado concreto é que nós temos uma oportunidade de fazer coisas que não fizemos. Quem já foi governador e quem já foi presidente sabe o que foi feito de errado e que não se pode fazer mais, sabe o que foi feito de certo e precisa aperfeiçoar e sabe o que precisa fazer. E nós vamos fazer da forma mais sensata possível, contando com a participação de vocês.



Tem muita coisa a ser feita no País, todos nós aqui temos mais experiência. Quem tem quatro anos de experiência de governança neste País sabe o quanto isso ajuda, se tiver disposição para o próximo mandato. É com essa disposição que eu quero manter essa relação com vocês. A próxima reunião, quem sabe, seja uma reunião com a presença do Oiapoque ao Chuí, de todos os governadores, porque se alguém quiser fazer oposição a mim, faça na eleição de 2010, quando eu não serei candidato. E se eu tiver que fazer oposição a algum governador, eu também deixo para fazer em 2010. Até lá, a nossa função é governar este País da melhor forma, tal como o povo espera de nós.

Por isso, de coração, eu quero agradecer aos organizadores deste almoço e dizer para vocês que o próximo não será um almoço, será uma reunião de trabalho, porque nós temos muita coisa para discutir com vocês.

Queria, se pudesse, dar um conselho aos nossos companheiros governadores novos, de primeiro mandato: montar um governo é 50% do sucesso do governo. Convidar alguém para ocupar um cargo – e o Binho tem muita experiência, porque está há 12 anos nisso – é muito fácil, agora, tirar alguém é muito difícil.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: nessa hora, não tem relação de amigo; nessa hora, é relação de chefe de Estado. A gente tem que convidar as pessoas mais qualificadas para a função que o Estado brasileiro precisa. E nós vamos perceber que na máquina pública brasileira tem pessoas da mais alta qualificação à espera de uma oportunidade. Eu quero dizer para vocês: ao invés de procurar apenas um amigo, procurem aquele que está esperando uma chance. E cada estado, por mais pobre ou por mais importante que seja, Marcelo Déda, tem gente da mais alta competência à espera de uma oportunidade. Por favor, se vocês puderem, descubram esses gênios, eles existem e, muitas vezes, são tratados de forma secundária por quem passa pelos governos neste País.



Eu aprendi uma lição: a máquina pública, quanto mais eficiente ela for, quanto mais qualificada ela for, mais fácil será para o governante governar. Se nós soubermos fazer o que é correto, gente, eu posso dizer para vocês, nós tentamos no primeiro mandato, logo no começo eu chamei os 27 governadores, fizemos a proposta de política tributária, da Previdência. Logo depois vieram as eleições municipais e, aí, a coisa começou a desandar. Desta vez, eu quero dizer para vocês: se vocês quiserem correr de mim, podem preparar as canelas, porque eu estou fisicamente melhor do que estava no começo de 2002, e vou correr atrás de vocês.

Muito obrigado e boa sorte para todos nós.